

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## Reaccionarios sabios, oferecidos ao sr. Teixeira Gomes

**Os reaccionarios cientistas — Idéas rudimentares — Os conventos e a cultura do espirito — Os padres doutos — A fé e a sciencia**

Narrei, noutra dia, no *ABC*, como o senhor Teixeira Gomes, às mesas no Martinho, no tempo de Fialho, desdenhava do que lhe parecia tocado de republicanismo. Encadernado em Fradique Mendes ferragudense, arripiava-se ante o *Mundo*, achava pouco afeitos à Colonia da Farina os democratas e acabava sempre a interrogar os assistentes à cerca da revolução, tendo no labio grosso uma distenção bourbonica de sarcasmo.

Tambem já ha tempo descrevi neste panfleto o scena dos remadores algarvios que não queriam calar-se, com medo de arrebentar, mesmo ante a oferta das peças de ouro da rainha. Perdido o figurino de Fradique, desde que trocou os camelos marroquinos pelos tombadilhos dos navios britanicos, que o trouxeram a esta colonia, ficou um demagogo a dizer desentoadamente, onde chega, frases que o sr. Marques das Barbas pode expelir, mas que um chefe de Estado — para demais picado de literatura — não tem direito de pronunciar, sem protesto, no meio desta calada medrosa ou cúmplice duma imprensa subserviente ou ignorante.

No Congresso das Misericordias negou o caracter religioso da fundação das albergarias e daquelas instituições; na cerimonia em honra do sabio professor Silvestre Bernardo de Lima, no Instituto de Agronomia e Veterinaria, declarou que ele devia ter sido um avançado, pois nas almas reaccionarias não cabe, não se fixa, não se adapta o culto das sciencias.

Se eu fôsse um dos assistentes a essa cerimonia teria respondido ao senhor Teixeira Gomes com argumentos ainda mais convincentes do que os apresentados nestas paginas quando se tratou do seu discurso na Santa Casa.

Mostrar-lhe-ia certos conventos, desde a idade média, como verdadeiros baluartes scientificos, os freis dando suas aulas por essa Europa e criando fama imensa os que ensinavam nas escolas de Paris e de Salamanca, onde S. Frei Gil foi aprender; apontar-lhe-ia os doutores da Igreja, cheios de talento e de brilho em seus conceitos e acabaria por lhe indicar nomes que podem ser desconhecidos para o sr. Ferraz das barbas, admirador e correligionario de sua ex.<sup>a</sup>, mas de certo já ecoaram algumas vezes aos ouvidos do sr. Teixeira Gomes.

Não seria necessario coordenar nem sistematizar. Ao acaso appareceriam muitos dêsses apelidos de frades — de reaccionarios — que os homens medianamente instruidos conhecem.

Quando a electricidade ainda não passava duma cousa inexplicavel e aterrorisante já o abade João Antonio Nollet tratava e estudava as razões de muitos dos fenomenos e descobria a endosmose que, como se sabe, consiste na separação de dois liquidos de densidades diferentes por uma corrente estabelecida atrevez duma membrana divisionaria. Entretanto, o reverendo não deixava de ir dizer a sua missa.

Condillac, o autor do *Tratado da Teoria das Sensações*, o celebre filosofo suiso, não encontrou melhor refugio para a sua sciencia e para o seu espirito do que a abadia de Flux, onde faleceu. Trabalhou e orou; dedicou-se à sciencia e à sua religião.

Se recuarmos no tempo — pois em todas as epocas existem frades sabios e doutos — vamos encontrar uma estranha organização de scien-tista envergado nos habitos dominicanos. Trata-se do mestre de S. Tomás de Aquino, de Alberto, titulado de Grande, teologo, filosofo e alquimista, que se inspirou nos trabalhos de arabes e rabinos, hereticos por consequencia, sem que a Igreja deixasse de beatificar tão sapiente monge.

Mas se é um orador fremente e consciencioso que se deseja, um homem de bem indignado contra as maldades da terra, as protervias e as devassidões, basta recordar-se *O Bôca de Ouro*, clamando contra a imperatriz Eudoxia e a sua côrte, com tanta eloquencia e com tanta razão quanta as que falham ao sr. Teixeira Gomes para negar aos reaccionarios as qualidades de sabedoria. Este *Bôca de Ouro* até foi santificado e é adorado nos altares com a sua doce auréola. Chama-se S. João Crisostomo.

Lhomond, abade, de grande nomeada, foi gramatico e escritor; Prevost — o autor da *Manon Lescaut* — não deixou jámais os seus titulos religiosos e foi romancista, tradutor, fundador de jornais, num período em que não se perdoavam as audacias.

Mas a maior das descobertas scientificas, a que transformou a face do mundo pelas guerras — que são as suas feições transmudadoras — foi a da polvora. O seu autor era beneditino. Chamava-se o padre Berthold Shwartz e, — calcule-se! — era alemão, pertencia a essa raça reaccionaria que o sr. Teixeira Gomes não deixa de admirar em sua obra, embora se lhe pronuncie contrariamente desde que chegou a Belem elevado à chefia duma pseudo-republica.

Além de ter inventado a polvora, este frade, quimico mas devoto, tambem fundiu os primeiros canhões de bronze que foram empregados pela republica de Veneza. Como o frei pedisse a paga do seu trabalho, decerto para entregar em sua comunidade de Friburgo, o senhorio veneziano mandou-o matar.

Parece-me suficientemente demonstrada a influencia de alguns frades na sciencia, na literatura, nas diversas manifestações do saber humano. Colhidos ao acaso estes nomes nos diversos seculos e em diferentes países, constata-se ser entre os religiósos que mais se cultivou o pensamento. Em Portugal o sabio S. Frei Gil, de tanta sapiencia e crença, serviria, com Bartolomeu do Gusmão — o inventor da maquina de voar — para argumento de ponderação, se eu não soubesse, positivamente, que jámais o sr. Teixeira Gomes o atenderia. Continuaria na mesma teima a chamar-lhes reaccionarios e saltaria alegremente sobre o ultimo que lhe apresentei de proposito, o do padre *Passarola*, como lhe chamava o povo, e gritaria: Foi perseguido pela Inquisição. Com os outros não se deu mais do que a consagração de seus talentos dentro de suas ordens e pela Egreja.

A Inquisição, porém, não roubava a fé a ninguem e quem se serviu dela, e com muito proveito para satisfação de seus odios, foi aquele que o sr. Teixeira Gomes apelida de liberal: o marquês de Pombal. Enquanto ao padre Bartolomeu de Gusmão jámais deixou de rezar e encontrou abrigo num convento de Espanha.

Eis um feixesito de reaccionarios que destroi radicalmente as afirmações radicais do presidente da republica que não admite reaccionarios cultivando o saber humano.

# O soldado Milhões e os milionários

**O crime da guerra — Reflexões sobre os seus horrores — Os "patriotas," e os soldados — A ironia duma alcunha — Os verdadeiros milhões**

A guerra teve ainda o seu eco em 9 de abril, quarta feira, com a cerimonia do lampadario na Batalha que, ficando muito longe de Lisboa, não atraíu o povo a essa homenagem aos soldados desconhecidos da Africa e da Flandres. Atribuiu-se à distancia a falta de concorrência quando, no fundo, a razão é outra. A nossa entrada na guerra foi antipática à nação; ao instinto nacional apresentava-se como a grande ruína essa leva da morte que deixava desamparados os casais, viuvos os campos, vãos os lares de onde saíam os homens válidos, a melhor mocidade portuguesa para se juntar numa caserna como um rebanho de embarque, destinado a abastecer os cemiterios estrangeiros. As almas dos condenados não vibraram no grande sentimento de patriotismo que conduz à entrega completa da razão e da vida. Não era este o fremito naquele periodo da guerra. Sem o 14 de maio de 1915 não se teria chorado em Portugal pelo 9 de abril de 1918. Foi uma combinação politica de um partido — o democratico, o autor de todos os males do país — que gerou a hecatombe dos melhores rapazes portugueses e arruinou para sempre a nação. Vaidosamente, os culpados se encostam a essas ruínas como a uma columna votiva. A derrocada da Patria é bem o monumento que lhes compete. Foi esse partido que rastejou diante do ministro inglês offerecendo-lhe as rezas do sacrificio, os nossos soldados; em troca ele aplaudiu-lhes a revolta de que sairia ferido no seu coração de puro republicano um dos patriarcas da ideia — o dr. Manuel de Arriaga — e vilipendiado outro: o general Pimenta de Castro.

Entretanto, pela nossa terra africana, à qual devíamos ter mandado contingentes em quantidade para vingar Cuangar e Naullila, tornavam-se os boers os soldados da defeza, o que os encheu de orgulho, de pretensões e de desdens por nós.

Porque tudo se passou assim, o povo odiou a guerra, as suas infâmias e as suas comemorações. O 9 de abril é a data da derrota e é a que se relembra. Parece ter acordado uma consciencia subjetiva nos empresarios da grande aventura sinistra.

No claustro da Batalha ao acender-se essa lampada perpétua — da perpetuidade portuguesa — que sempre se pergunta quanto tempo durará — não foi as campas dos sacrificados que iluminou, mas sim os cérebros até agora entenebrecidos. Para assistir a essa cerimonia não se levaram soldados; apenas os officiais se reuniram diante das sepulturas dos seus humildes subordinados; cá fóra tambem não havia povo mas sim os novos ricos que tendo devido à guerra as suas fortunas — e os automoveis que os conduziram até ao grandioso templo — ali foram como para um *pic-nic* comemorativo com cestos de comesaina e garrafas de champagne.

Os pobretanas de hontem são os opulentos de hoje e enquanto por essa terra portuguesa, curvados para a leira, amanhando a courela, como se vergassem para a sepultura, os que escaparam da guerra, os soldaditos rudes, se estiolam e sofrem os *amigos da Servia*, essa canalha berradora e enrouquecida no cumprimento do seu frete, instalam-se na vida como se lhes fôsse devido o premio de sua obra.

Lá dentro só officiais; cá fóra só novos ricos. Uns sofreram nos países estrangeiros para onde os lançaram e ainda não receberam suas recompensas; os outros ainda não pagaram os seus crimes. Começo a entrevêr, ao ter conhecimento dos assistentes opulentos dessa cerimonia, as razões porque não se convocaram os combatentes das fileiras tão dizimadas, os taratas desditosos, os infelizes que nem tiveram o goso de se bater pela patria. É que na explosão do paralelo, diante desse lampadario a iluminar os simbolos da sua desgraça, os seus companheiros de infortunio, algum poderia erguer a sua voz ou o seu braço para acusar ou castigar os espectadores do acto solene. Tinham ido ali, como criminosos, visitar, de charuto na bôca, os tumulos das suas vitimas.

Já passaram seis anos e o inquerito ás fortunas saídas dessa guerra maldita não se fez; os vampiros fundam companhias e casas de negocio com os empresarios politicos dessa infamia nascida dum contrato de bandoleiros.

Quando digo que não havia soldados dentro da Batalha lamento, cada vez mais, a sua ausencia. Ficariam elucidadas as suas almas; porê m, já acordaram e na hora da punição elas estarão com os juises, que somos todos nós, os filhos deste país arruinado pelo crime do qual nasceram as fortunas dos socios do poder.

Todavia, e só porque um jornal — o *Diario de Lisboa* — se lembrou de o convidar, assistiu um soldado razo à solenidade; um dos que tudo fez para entrar naquela campá onde jazem os outros. Não deixou de se expôr dia a dia; a sua carne de sacrificio oferecia-se e retalhava-se;

parecia ser a propria patria entregando-se para não desmerecer de seus velhos feitos mas tão pobresinha como heroica. O soldado nem teve dinheiro para adquirir, depois de quarenta vezes se ter batido, as condecorações de homenagem ao seu valor. Voltou a trabalhar na terra como um servo esse valente do Lys que protegeu com um pelotão a retirada dos seus camaradas e dos regimentos escocezes. Era como o marco de uma raça fatalista a imolar-se generosamente no posto que não lhe competia e ao qual honrava desde a hora em que o tomara. Deram-lhe as medalhas, a Torre Espada, a Cruz de Guerra, a Vitória Cross, distinções da Belgica e da França e deram-lhe tambem uma indiferença maxima ao dissipar-se o ultimo fumo da polvora. Se quis uma enxada para cavar as leiras teve que a comprar. Como se o destino o trouxessê à arreata para a servidão, depois de defender a terra alheia, como um heroi, foi cavar os campos dos outros como trabalhador porque ele — o comendador dos humildes — não tem um torrãnsito seu. E ainda, no mesmo sarcasmo, chamando-se ele Milhaes um oficial amigo crismou-o de *Milhões*. Mal sabia como acertava com seu gracejo.

Milhões de desditas, de fomes, de desesperos, de desilusões, de horrores na guerra; milhões de amarguras, de coleras, de desventuras, na paz. Milhões de impulsos de bravura numa trincheira; milhões de gotas de suor num campo que não lhe pertence. O soldado soldou-se a uma desdita eterna.

Esse bravo que o *Diario de Lisboa* convocou, numa homenagem, aos humildes, que me enterneceu, é tanto um milionario como o povo costuma ser soberano.

Ele é que foi alcunhado de Milhões e quem os possui são os que nem sequer sabiam de sua existencia embora tivessem — os malditos vampiros — sorvido o seu esforço e doutros sacrificados por milhões e aos milhões.

## Os ingratos herdeiros do regicida

Onde se põe o preto no branco — Buiça e sua prole — As intenções do regicida e os resultados — Explicações ao "Mundo," — Os herdeiros ingratos

Diante das considerações feitas no numero anterior ácerca do filho do Buiça e dos herdeiros de seu pai (que como se sabe são os donos de Portugal) o *Mundo*, com uma falta de lucidez deshabitual na sua redacção, diz o seguinte:

«O sr. Rocha Martins occupa-se nos Fantoques, que hoje são postos à venda, e ontem nos foram remetidos, das referencias que O Mundo fez e não está arrependido de ter feito — antes pelo contrario — ás infelizmente circumstancias em que vive o filho do Buiça, pobre rapaz doente e sem protecção, a quem unicamente vale a avó, uma septuagenaria pobrissima. O sr. Rocha Martins fala, fala, fala, mas — como o preto Efráz da anedota — não diz nada: fala apenas... A proposito: estão à disposição do filho de Buiça os 200\$00 que um republicano cumprindo a promessa feita, e de que demos noticia, veio depositar neste jornal para serem entregues a Manuel Buiça. Como ignoramos a sua morada, por este modo fica feito o aviso ao interessado.

Aos meus amigos e fieis leitores não preciso recordar o que o jornal fundado pelo sr. França Borges, parece não ter compreendido. Nesta altura, eu devia passar a minha pena ao Roberto, meu colaborador e inspirador, por vezes, e deixá-lo responder, por seus costumados processos, a quem traçou semelhante *suelto*.

Eu não falei ao acaso. Disse verdades que o *Mundo* não se atreveu a expôr. Dei o verdadeiro nome ao sentimento que devia albergar-se na alma dos republicanos em relação ao Buiça. Chamei-lhe aquilo que o *Mundo* queria dizer e teve medo de reproduzir; escrevi a palavra: gratidão.

Propositadamente o fiz para marcar como os herdeiros desse homem renegam os seus irmãos carnais, os sacodem do inventario.

E crível, porem, que não tenha sido suficientemente claro visto ter-me parecido com o preto Efráz da anedocta, segundo o *suelista*, e nesta conformidade passo a pôr o preto no branco.

Buiça, excelentissimos senhores e camaradas do *Mundo*, foi o auctor incontestavel da fortuna dos republicanos e do monarquicos transfugas que hoje dirigem o estado em maior quantidade do que os autenticos combatentes da republica. Foi, ainda, o gerador das grande personalidades dos negocios a que se entregam mancomunados, aí por essa praça de Lisboa, alguns republicanos associados com alguns cavalheiros de titulo que se dizem monarquicos. Buiça não quiz fazer semelhante plutocracia — ele era um anarquista — mas os seus herdeiros transtornaram a sua intenção.

No cérebro do sectario gerara-se a ideia de que, assassinado o rei, se proclamaria a republica e dela partiriam todos os bens. Como faltava a arma para o feito, alguém — que o *Mundo* deve saber quem foi — lha forneceu; como se tornava necessario um gabão para a ocultar foi-se em busca, por essa cidade, de quem o pudesse emprestar. Meira Sousa, Alberto Costa, Amadeu de Freitas, Augusto Gil estavam ceando no Fortes, na véspera do regicidio, quando o Alfredo Costa, chamou o primeiro daqueles senhores de parte, para lhe solicitar o varino do pobre Ferreira Manso, que morreu doido, depois de ter passado fome e do qual guardo ainda preciosas cartas. Não conseguiu o abrigo para ocultar a carabina; foi-lhe recusado afim de se evitar o acto. Todavia, esse homem — que o *Mundo* tambem deve saber quem foi e que hoje vive rico e feliz — entregou ao proprio Buiça, o varino, na manhã do dia em que esse objecto se tornaria historico. Para o Costa careceu-se duma outra arma. Foi buscar-se ao cofre forte dum advogado celebre, então preso, e que devia voltar a possuir essa reliquia do crime originario de sua alta fortuna. Para demais, o feliz herdeiro do Buiça é coleccionador de objectos manchados de sangue.

Os regicidas imaginaram fazer a obra da reconstituição nacional. Ninguém mata sem a tara do crime. Buiça tinha a excitação alucinativa da agressão; a politica desenvolveu-lha e impulsionou-lhe o acto.

Cometido o atentado, morto o criminoso, repito, que lhe chamaram heroi e martir os que não queriam herdar dum vulgar assassino.

O preto da anedota vai sendo claro. Vai pondo o preto no branco.

As manifestações dos herdeiros desse homem à sua sepultura foram como os batuques dos negros felizes em torno das campas dos vencidos. Não lhes custava dinheiro e exteriorisavam suas alegrias porque não é debalde que se passa da miseria para o luxo e era esse o futuro que lhes aparecia na trajectoria da bala traiçoeira do Buiça.



Talvez haja, até na redacção do *Mundo*, quem se lembre de certas rosas colhidas no jardim das Necessidades e lançadas sobre a campa do regicida, dias depois de proclamado o novo regimen.

Isto, [porêm, é velha historia e eu quero—com tinta preta sobre o papel branco—chegar a completas elucidações.

Os filhos do regicida foram esquecidos pelos herdeiros de seu pai. A' filha—a essa Elvira tão retratada em pequenina nos jornais com o irmãosito ao colo—mandei eu entrevistar, certo dia. Aplaudia furiosamente—que havia ela de pensar?!—o assassino de Sidonio e não me admiraria se confessasse uma paixão pelo criminoso José Julio... Que tragicos amores estes seriam entre a filha do regicida e o matador do presidente!

O filho, o Manuel, que o pai recomendara à gratidão dos correigionarios, herdeiros do seu sacrificio, vi-o varias vezes com a farda de pupilo do exercito. Buiça tinha sido sargento. Um dia, porêm, soube que pedia esmola; vivia com a avô—essa é que na realidade conhece os sentimentos e as portas fechadas dos herdeiros de seu genro—e que queria ir para o Brasil. Fiz sentir aos felizes senhores desta terra como não era bonito nem digno deixarem à mingua o filho do auctor de suas riquezas e poderio.

O *Mundo* não compreendeu. Afirmou que falei sem dizer nada. Mas meu Deus! o peor surdo é o que não quiere ouvir e esta chamada a responsabilidade da situação do rapaz a um partido de novos ricos do mando e do dinheiro, realmente, é para tornar moucos os que a seu pai devem os logares, o bem estar, a vida larga que permitem mais forte esmola que a dos 200\$00 destinados ao desgraçado, pois quem lhos enviou naturalmente já valorisou para si, em 200 contos ou em 2000 o gesto do Buiça que deixou por herdeiros autenticos ingratos e como filhos legitimos autenticos desgraçados.

# A Assistencia Publica e um ministro assistido

**Como se fazem selecções — Um empregado experiente e um ministro ignorante — As subserVICIAs e os pedidos — Os adesivos e seus actos — Os odios democraticos**

Foi nomeada uma comissão dirigente para a Assistencia Publica à qual preside o dr. Lino Gameiro que é um dos mais cultos, dos mais honrados e dos mais sabedores rapazes da sua geração. Dos outros dois nomeados para esse triunvirato do socorro à miseria imensa que por aí vai não tenho conhecimento. Sei que são funcionarios do ministerio do Trabalho mas sei tambem que se praticou uma grande injustiça em não ter colocado na gerencia daquele organismo, ao lado do dr. Gameiro, alguém que muito conhecimento pratico possui dos complicados serviços da caridade oficial. Essa pessoa é o sr. Roque de Arriaga, filho do falecido presidente da republica dr. Manuel de Arriaga, expressiva e doce consubstanciação dum ideal manchado, martir de suas crenças, morto após as dôres morais das desilusões.

Bem sei que nas democracias a selecção se impõe acima dos direitos de nascimento. Se estivessemos num desses regimens era de esperar que as cousas se passassem logicamente e não como as engendrou um ministro adventicio e anormal. O sr. Roque de Arriaga juntava ao predicado da tradição republicanissima do seu nome o conhecimento de muitos anos de trabalhos seguidos nes serviços da Assistencia Publica. Viu-a organizar-se — se pode chamar se organização a esse balburdante expediente que só prejudica os pobres — ; acompanhou os projectos serios que se tentaram e estudou largamente as formas de estabelecer na Assistencia as condições indispensaveis para ela ser utli.

Pois o ministro do Trabalho, um dos que transitou para a republica e por mais que faça jacobinismo não lima o duque — a recordar monarquismos — do seu apelido, entendeu o contrario e deixou de prestar um grande serviço à instituição, praticou uma injustiça e deve ter ofendido a sensibilidade dum dos mais antigos, honestos e sabedores funcionarios da Assistencia Publica.

Vejamos as razões que podem ter influido no espirito do titular duplo, como duque e ministro do Trabalho, para assim proceder.

Várias vezes tem sobraçado aquela pasta o sr. Lima Duque cujas aptidões para tão complicado organismo jámais se demonstraram a não ser por asneiras catalogadas e já entradas no dominio da anedota. Esse politico adesivo é medico mas exercer essa profissão não dá foros especiais para o estudo do problema da miseria e dos meios de usar a seu favor da profilaxia que não se aprende em livros de medicina. É necessario ter a alma formada de maneira a compreender

as desditas e a energia, preparada para impôr as medidas salvadoras dessa onda desditosa que invade as ruas e à qual já falta a caridade particular.

Ora o ministro do Trabalho não foi nunca um analista dos males sociais; não vibrou jámais diante duma grande injustiça, não sentiu esta revolta que nos enche quando vemos os trabalhadores largarem as ferramentas das mãos exaustas — as enxadas, os malhos ou as pênas — e irem estendê-las à caridade. Esse titular duma pasta, pela qual correm os serviços de auxilio aos miseros, nunca foi senão um eleiçãoeiro, uma maquina de fazer favores a trôco de votos por Coimbra e seus arrabaldes, o que lhe deu proventos de categoria no partido democratico.

Não se conhece uma manifestação publica do seu interesse pela Assistencia Publica, não se sabe de suas idéas acêrca das diminuições do pauperismo, não se tem noticia de suas noções de educação dos assistidos infantis, enfim, apenas se possuem certezas relativas à sua falta de competencia. É um ministro do Trabalho para assinar o expediente. Daí a sua acção de agora, ao nomear a gerencia da Assistencia Publica. Desde que se queria criar uma comissão directiva, em vez preencher o cargo de provedor, com o que não concordo, o primeiro dever do ministro era escolher empregados do organismo de que se trata para o encaminhar e governarem conjuntamente com o digno dr. Lino Gameiro.

O politico pensou assim porque, naturalmente, receou ofender alguns dos preconceitos do partido democratico. O empregado sobre que devia lançar as suas vistas — em razão das provas do seu valor na especialidade — era o filho do homem, do grande republicano honrado, destituído no 14 de maio por conta da demagogia. Sem uma prevenção de um cúmplice estrangeiro nesse acto, que nos levou para a guerra, talvez que o sr. dr. Manuel de Arriaga tivesse sido conduzido para bordo com o general Pimenta de Castro. Ainda não esqueceu a esse partido de escandalos e de crimes, onde as familias teem o acólho por suas opiniões e não por seus meritos, a attitude honrada do velho presidente, ao qual a canalha ameaçava «ir tirar os olhos».

Tomado de freima, desprezando os odios dos seus partidarios, o medico ex-monarquico Lima Duque, adesivo da demagogia, em vez de colocar muito alta a sua missão de dirigente, curva-se e fere ainda um membro da prole do velho sacrificado.

A selecção a fazer aconselhava que desse a Roque de Arriaga o logar nessa comissão dirigente; a democracia — como se escangalham os nomes mais nobres neste país cretinizado! — repele-o porque usa aquele apelido. Os unicos que se aceitam, sem verificação, são os de Costa e Rodrigues, parentes e aderentes, que servem para tudo, embora jámais se visse as vantagens de suas obras.

A tradição de Arriaga é malquerida não pelos republicanos idealistas mas pelos interesseiros, entre os quais se filia o titular da pasta do Trabalho, o pedinchão eterno de favores ao sr. dr. Afonso Costa, destinados a servir os eleiçãoeiros que lhe deram a posição que ocupa e da qual só é digno pela companhia jacobinota onde se meteu.

Havia duas pessoas em Coimbra pedindo, diariamente, favores ao chefe democratico. Eu li as cartas; eu tirei as conclusões psicologicas dos serventuarios do idolo, quando a revolução de 5 de dezembro me entregou esses papeis, logo por mim enviados ao governo.

Um desses solicitadores era o sr. Lima Duque.

O odio afonsino à familia Arriaga tem um continuador no homem que o meu querido amigo o dr. Artur Leitão — velho e illustre republicano — rudemente exautorou e que finge de ministro do Trabalho.

## O doutor Batatas

Os cursos e as tendencias naturais — A atracção dos balcões — Varios generos de escarpellisação — A febre do ganho — As batatas e as lições de medicina.

Eis uma curiosa noticia dos jornais:

*A brigada de fiscaes do Ministerio da Agricultura recebeu ordens severas para perseguir rigorosamente todos os vendedores de generos alimenticios que realizem lucros ilicitos.*

*Ontem, pelas 18 horas, foi preso um com mercearia na rua da Palma, esquina de S. Lazaro, que estava vendendo batata estrangeira a 2\$30 centavos, tendo-a adquirido por 1\$30 centavos.*

*As portas do estabelecimento foram seladas, tendo-se juntado no local muito povo, que aplaudiu com entusiasmo a prisão do comerciante.*

**Este que é estudante de medicina, tendo tomado conta do estabelecimento, após a morte do pae — ácerca de três meses — foi conduzido sob prisão, ao governo civil, dando entrada no calabouço n.º 7, pois não lhe foi concedido quarto particular.**

Este estudante de medicina, que só ha três meses dirigia a loja paterna, faz lembrar aquele rapaz a quem o autor de sua existencia, perguntou a que desejava dedicar-se, visto já estar um homensinho.

— Eu quero ser como o Thomé!...

O Thomé era um ser singular que se estendia á beira dos riachos, pelo verão, na boa sombra das arvores, e, de olhos fitos no ceu quando estava acordado, e recolhidos no goso quando dormia, jamais pegara numa ferramenta. Alimentava-se de frutos, de arvores silvestres, de abrunhos do valado, de massarocas roubadas nos milharais, e quando o inverno chegava, acolhia-se aos palheiros, roía a sua fava, aquecia-se no bafo dos bois e partilhava o caldo dos pastores que o achavam

patusco. Jamais o Thomé trabalhara, e andava sempre risonho, sempre feliz.

Houve um grande alarido na família do mancebo quando declarou desejar seguir semelhante vida, mas tal foi essa teima que o pae o conduziu junto do mandrião e lhe pediu para o esclarecer ácerca dos misterios scientificos da doce vida sob as ramadas das arvores sem se produzir o menor esforço, nem se ser util a pessoas extranhas.

— Olha, rapaz, isto não custa nada... Deita-te para aí... Ficaram ambos á sombra larga duma figueira formosa e carregada de frutos excellentes; bocejavam de puro gôso, sentiam-se alegres, não invejando os palacios que é necessário defender dos ladrões nem os bens de fortuna que é preciso administrar.

De repente caiu um figo aberto, vermelhinho, com sua granita dourada, quasi ao alcance das mãos dos excelsos preguiçosos, e o mestre, num lento espreguiçamento, balbuciou:

— Olha um figo...

Volveu para êle os seus olhos, o discípulo, e pediu em voz macia:

— O' Thomé, mete-mo aqui na bôca...

Formara-se num dia, naquela universidade da mandria, sobrepassara numa hora o ultraocioso daquela terra onde os achavam deveras espertos e os sustentavam num tributo a seus predicados subtis.

E' exactamente o caso do improvisado mercieiro, estudante de medicina, da rua da Palma, esquina da rua de S. Lazaro, e cujo nome os jornais occultam.

Andava nas aulas, praticava no anfiteatro a escarpelisação dos cadáveres, decorava a anatomia do Serrano e esperava que lhe chamassem doutor, mas no fim, as suas tendencias eram diversas: queria escarpelar os fregueses. Possuía uma alma de mercieiro, de autentico tendeiro, com suas ambições a membro da junta de parochia.

Para este individuo educado, o povo que passava pela sua mercaria era como, para os do pinhal da Azambuja, os viandantes desprevenidos de salvo conductos comprados a certo comerciante do Cais de Sodrê, e cujos descendentes se dizem hoje fidalguissimos: nobresa de bacamarte. Que lhe importava que uma mulhersinha andrajosa, uma creança pauperrima, a prole de um trabalhador, se achegassem, com meia duzia de vintens, a pedir-lhe uma porção de batatas baratas, se ele precisava ganhar dez tostões em cada quilo do tuberculo?!

Na escola, entre os condiscipulos, este filho de lojista, á ganhuça destinado, devia pensar mais no preço do azeite, na batota a fazer no vinho, nos chouriços de anilina, do que na cura dos seus semelhantes.

Quem sabe, até, se o estudo lhe teria desenvolvido ideias nitidas e de largo resultado sobre a maneira de fazer paios sem carne ou sobre a

possibilidade de arranjar à vista do freguez, a unidade do quilo para receber o dinheiro e do meio quilo para a entrega do genero!?

Tudo é possível e um comerciante quando manda estudar um filho para as escolas superiores deve ter sempre os seus fins reservados.

Se é muito rico deseja vêr o descendente desencrostado da ancestralidade e figurando num mundo onde ás vezes, é tão inutil quanto o pai soube ser providente e angariador: se é pobre move-o a vaidade ou a esperança do auxilio no futuro vindo do senhor doutor; do senhor official, do senhor engenheiro, profissões que actualmente produzem menos que a de tendeiro, mesmo depois do decreto repressor.

No caso do estudante apontado vê-se que o pai fez mal em o mandar para a Escola Medica. Cousa alguma ganhou de novo no contacto da sciencia que já não estivesse no seu intimo, que não fosse já o seu lema: comprar por cinco e vender por cincoenta.

Podia ouvir gemidos que sorriria. Apanhara no curso a insensibilidade ante o sofrimento humano e isso se não aumentava suas faculdades de bom merceeiro, apetrechava-o para maiores proezas ante as queixas maguadas dos fregueses.

Raramente um individuo da cultura que este deve ter se coloca de-traz dum balcão a vender generos pela forma porque ele o fazia mas quando isso acontecesse, por uma fatalidade, deve ser mais honesto nos processos do que o alvar manteigueiro enriquecido a roubar no pezo e a facaltruar nas especies. Este não. Era terrivel, na sua febre de lucro, e ainda bem que à tenda se dedica, de preferencia à medicina, porque seria capaz de prolongar as doenças dos clientes só para não se lhe acabar o rendimento das visitas.

Estamos na presença dum outro producto desta sociedade portuguesa: o explorador do negocio, equivalente ao ladrão rico que, noutra dia, roubou a maleta ao cobrador no balcão do Banco de Portugal.

E' crível, porém, que o rapaz estivesse a pensar nas aulas e que vendesse por aquele preço as batatas fornecidas pelos lentes. Sim, porque quem tem tão grande espirito de merceeiro deve apanhar muitas batatas no seu curso de medicina.

## O preço dos meus aparos

O inferno dos embaraços — A tortura dos homens de letras — Do papel às caixas de aparos — Os Veríssimos... comerciantes — A pena da Pena de Tallão

Acabo de saber que o sêlo para cada volume da *Monarquia do Norte*, o meu recente livro, é de 2\$400 e, enquanto me desolo, diz-me o homem do papel em que escrevo ter subido para três vintens cada meia folha, a qual contem apenas 35 linhas.

Não se julgue que eu, como Fradique Mendes, tenho folhas de papel Whatman à minha disposição. Escrevo em vulgarissimo almaço da Prado — tão pejada de dividendos como uma coelha de parto feliz de seus láparosinhos —; passo a minha vida curvado sobre estas laudas que se arrazam ao mais brusco movimento da pena, à qual se pegam fios irritantes. Tal é o papel em que escrevo e seu preço no mercado, quando o senhor Antonio Maria da Silva — o iletrado leitor do *Rocamboles* — se opõe terminantemente à isenção ou abaixamento do sêlo para as obras literarias.

Numa teima feroz e antiga o antigo administrador monarchico do concelho de Redondo, faz a mais tenaz opposição à letra redonda. Dentro em pouco teremos todos que mudar de profissão e, como não avesamos as qualidades de intrujão, de banaloide, de saltimbanco potitico, restar-nos-ha a emigração, deixando a governar este país a súa adversaria do pensamento, da arte, da literatura.

Sou um escritor honesto e para viver da minha pena faço sacrificios enormes. Já agora torna-se curioso contar quanto custa cada uma das penas que eu uso. São do depósito, brancas, e declaram pomposamente em seus flancos ser de *Industria Portuguesa*. Pelo preço que os caixeiros do Veríssimo fizeram, ha dias, a duas duzias desses pessimos auxiliares de minha escrita, julguei que fossem ingleses e de... prata. Pediram dois tostões por cada um; 2\$400 a duzia; 4\$800 as duas duzias! Era antigamente o preço dumas arrecadas.

Como se sabe, esta casa dos Veríssimos é uma loja estreita, velha, como o direito e que, antigamente, tinha fama de honrada.

Custaria, por esta proporção, uma caixa de 12 duzias perto de 30\$000 réis! Eis o material que temos de usar, esportulado largamente para os revendedores de aparos, para quem nos salta, nos chupa, nos devora.

Ao cabo de vinte anos dum labor assim, morre-se extenuado e se, realmente, se conseguiu ter algum talento aparecem em torno das nossas obras os fazedores de centenários, o enxame de bibliófilos, os telegrafopostais a pedir para fazer selos cujo produto não é destinado a escritores mas a eles, que absorvem actualmente uma grande parte da receita do nosso esgotante trabalho.

Se, como eu, se é apenas um fazedor de maus livros, a ossada jazará em descanso mas em vida é que se passam os tormentos.

Aquela exorbitancia que me pediram pelos aparos levou-me a filosofar se não seria bem melhor estar ali ao balcão dos Verissimos... comerciantes a vendê-los, de riso alvar nos labios, se aqui a esta banca a utilisá-los.

É que vender a dois tostões um aparato que lhes fica por menos dum, é negocio de judeu. Os anafados lojistas não fizeram cousa alguma para produzir esta pequena e pessima pena de Industria Nacional e parece que destinada a ser vendida por cavalheiros de igual industria naquele estabelecimento, pelo menos; não compraram as maquinas, não empata-ram capitais, não empregaram operarios nem sequer arrumaram, nas suas caixinhas, estas penasitas leves, da fabrica das Pedras Rubras. Apenas abriram uma loja, se puzeram à espera da freguezia e se decidiram a tornar, ainda mais embaraçosa, a vida dos homens que tem de servir dos objetos que eles revendem.

Uma caixa desses aparos é uma ruina desde que se compre aos poucos e agora, por este processo dos lojistas, eu vejo quanto ganham os exploradores que nos esperam, por detraz de suas montras, como outrora os senhores de audacia, barbaçudos e crueis, na sombra vasta das florestas. O incauto comprador é a vitima desses intermediarios de... golpe.

Faço ideia em quanto não serão roubados, por esses bairros populares, os desgraçados que fazem as suas pequenas compras, aqueles que não podem adquirir kilos de mercadorias. Começam por explorar no papel que põem nas balanças e acabam por lhes roubar no peso. Isto faziam, desde ha muito, os merceiros; agora a molestia pegou-se e os homens dos aparos procedem do mesmo modo.

Seria curioso averiguar por quanto saí a grossa daqueles objetos aos revendedores.

Uma caixa custa 15.000 reis e tem 144 aparinhos durando cada um deles, quando muito, dois dias. Fica-lhes a 104 reis o aparato. Eles vendiam-no a 200 reis cada; ganhavam desde logo, 96 reis em cada um. Singular mister e singularissimo ganho que vem pesar sobre os que labutam, juntamente com o selo do sr. Antonio Maria da Silva, associado a uma empreza de panos do sr. Manuel Pinto de Azevedo, do Porto, ao qual não se exige a brutalidade dos selos que sobrecarregam os escritores.

Por mais amor que se tenha a uma profissão é impossivel exercê-la quando tudo se conspira para a esmagar.

Antigamente havia uma pena que se applicava aos bandoleiros, aos moedeiros falsos, aos envenenadores, aos ladrões: a pena de Talião.

A pena que eu uso é cara mas honrada e não posso applicá-la por aquele modo mas assim como contra lobos se dispara, do mesmo modo é justo o emprego da arma que possuímos contra essas feras do balcão.

Paguei-as como um nababo mas enterreia-as, desde o bico até à concha, com o delicioso prazer que os mortais sentem tanto como as divindades.